

## Confira a programação completa do evento

22/09/2003

13h30min – Credenciamento

14h às 18h – Mesa-redonda: *O gênero em ação: relatos de experiências*

Coordenação: Prof<sup>a</sup>. MS Clair Ribeiro Ziebel

Local: Auditório Central – Centro de Ciências Humanas

19h 30min - Abertura: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Instituto Humanitas Unisinos

19h45min – 22h15min - Paineis: *Os estudos de gênero na Itália, na Argentina e no Brasil*

Painelistas:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Giovanna Fiume - Universidade de Palermo – Itália

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Hilda Habichayn - Universidade Nacional de Rosário - Argentina

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dagmar Meyer - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coordenação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cleci Eulália Favaro

Local: Auditório Central – Centro de Ciências Humanas

23/09/2003

14h às 18h - Sessão de Comunicações Temáticas

Coordenação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edla Eggert

Prof<sup>a</sup>. MS Sonia Almeida

Prof<sup>a</sup>. MS Olga Heredia

Local: Salas do Centro de Ciências Humanas

19h30min às 22h15min - Painel: *Estudos de gênero: o ponto de vista masculino*

Painelistas:

Prof. Dr. Héctor Bonaparte – Universidade Nacional de Rosário

Prof. Dr. Castor Ruiz – Unisinos/PPG Filosofia

Prof. MS Rogério Lessa Horta - Unisinos/PPG Ciências da Saúde

Coordenação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jussara Gue Martini

22h15min - Encerramento

## A MATERNIDADE EM DISCUSSÃO

### Entrevista com Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dagmar Meyer

*Dagmar Meyer, professora na Faculdade de Educação da UFRGS, conversou com IHU On-Line sobre as relações entre gênero, saúde e educação. Ela é enfermeira pela PUCSP, mestre em Educação pela UFRGS, com dissertação intitulada Reproduzindo relações de poder de gênero e classe no ensino de Enfermagem, doutora pela mesma instituição com a tese Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileira- evangélica no Rio Grande do Sul. Dagmar também coordena o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE), da UFRGS, desde março de 2000. É autora de **Identidades Traduzidas. Cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.*

**IHU On-Line - Nos currículos escolares, inclusive universitários, de que forma está sendo abordada a questão do gênero?**

**Dagmar Meyer** - Acho que teríamos que abordar esta questão em duas partes. No que se refere ao Ensino Básico, temos oficialmente os Parâmetros Curriculares Nacionais que propõem, atualmente, a introdução de alguns temas no currículo que deveriam funcionar como sendo Temas Transversais, ou seja, deveriam ser trabalhados por todos/as os/as

professores/as, em todas as disciplinas. Enquadram-se aí temas relativos, por exemplo, à sexualidade e aos chamados Temas Culturais e em ambos se sugere que as questões de gênero sejam trabalhadas. Na concretude das práticas pedagógicas desenvolvidas cotidianamente na escola, no entanto, estes temas ainda não têm tido uma grande penetração, apesar destas "recomendações" contidas nos PCN, seja porque os/as docentes têm dificuldade em achar que tais questões sejam relevantes, seja porque não se sentem preparados para trabalhá-las (o que é o caso, na maioria das vezes). E isso nos leva aos cursos de formação de professores/as que, com raras exceções, também não incorporam tais conteúdos, de forma sistemática, no currículo e nas disciplinas dos cursos. Em geral, o tema é trabalhado por iniciativa individual, quando Estudos de Gênero é a Linha de Pesquisa com a qual o/a docente trabalha na pós-graduação, ou quando isso se configura como um interesse político e acadêmico seu. O mesmo ocorre com as questões relativas à sexualidade. No âmbito da pós-graduação, até temos uma produção bastante importante neste campo de estudos, mas o resultado de tais estudos só penetra muito lentamente no ensino de graduação e chega, mais lentamente ainda, à escola básica. Existem sempre outras prioridades ou questões muito mais emergentes do que estas que envolvem a reflexão sobre os processos que nos educam como homens e mulheres de determinados tipos. De certa forma, feminino e masculino ainda são entendidos como estando no plano da natureza biológica dos sujeitos. Apesar dos inegáveis avanços ainda temos bastante trabalho pela frente para fazer do gênero uma questão curricular legítima.

***IHU On-Line - De que forma se dará sua contribuição no painel da II Jornada de Gênero na Unisinos?***

**Dagmar Meyer** - Vou participar da mesa de abertura com a tarefa (quase impossível!) de fazer um mapeamento dos Estudos de Gênero no Brasil. É claro que eu não tenho a menor pretensão de dar conta de uma tarefa dessa envergadura, até porque investigar e discutir o "estado da arte" não é bem minha linha de estudos. Mas, a partir de minha experiência, de minhas leituras e de minha inserção nesse campo de estudos, vou fazer um recorte para debater em linhas gerais, que questões de gênero vêm sendo estudadas e investigadas nas áreas da Educação e da Saúde, que é por onde eu me movimento.

***IHU On-Line - Entre as temáticas trabalhadas pelo GEERGE, desde sua fundação, quais as conclusões mais significativas em relação à Educação e às questões de gênero que o grupo chegou até o momento, dentro das áreas de pesquisa desenvolvidas?***

**Dagmar Meyer** - O GEERGE existe desde 1990 e talvez um dos resultados políticos mais importantes que ele produziu até aqui é o de ter institucionalizado essa temática no âmbito da pós-graduação da UFRGS e ter-se consolidado como um grupo de estudos e pesquisa que funcionou ininterruptamente, desde então, cujos trabalhos funcionam como referência em nível de Brasil. Ele foi criado por Guacira Louro e seu primeiro grupo de orientandas, do qual eu faço parte, e o trabalho que a Guacira desenvolveu nesse espaço a colocou como a pesquisadora que, de forma focada, havia orientado o maior número de dissertações e teses sobre Educação e Relações de Gênero, no Brasil, na década de 90. Tenho orgulho de dizer que minha dissertação de mestrado e minha tese de doutorado fazem parte disso e que, hoje, também já tenho 5 orientações de mestrado concluídas nessa mesma linha de pesquisa. O grupo possui um 'site', que é atualizado sempre, e nele é possível visualizar não apenas o que fazemos, em termos de ensino, pesquisa e produção escrita, mas também acessar alguns de nossos textos ([www.ufrgs.br/faced/geerge](http://www.ufrgs.br/faced/geerge)).

**IHU On-Line - Sua pesquisa atual tematiza questões vinculadas com a maternidade. Quais são as representações de mulher-mãe que fazem parte do imaginário da sociedade contemporânea?**

**Dagmar Meyer** - São representações múltiplas e conflitantes que, em alguns casos, rompem com aspectos importantes das representações mais tradicionais de mãe, mas que em outros atualizam ou mantêm aspectos significativos dessas mesmas representações. Eu venho defendendo a tese de que diferentes instituições sociais das sociedades contemporâneas voltaram a investir fortemente na educação das mulheres como mães. As mulheres, hoje, desempenham muitas outras funções sociais, para além da maternidade e ocupam muitos outros espaços para além do espaço doméstico, mas elas continuam sendo responsabilizadas pelo cuidado e pela educação dos filhos e todos os problemas vivenciados por crianças e jovens na contemporaneidade, são explicados, entre outras coisas, por vínculos inadequados entre mãe e filho (só como exemplo podemos pegar a violência juvenil, as dificuldades de aprendizagem, a drogadição, a quantidade de doenças que podem acometer as crianças que não forem amamentadas exclusivamente com leite materno até os 6 meses de vida, etc). A ciência também não cessa de ampliar conhecimentos que dão conta da centralidade desses vínculos. Recentemente li, na Revista da FAPESP, os resultados de uma pesquisa feita com camundongos fêmeas e seus filhotes, os quais foram afastados de suas mães - sem violência ou privação - 20 minutos por dia, durante um número x de dias. Os resultados indicam que o estresse vivenciado por esses filhotes seria tão intenso que aumentou, dentre outras coisas, o risco de eles se constituírem como adultos inférteis. O que se pretende, é estender a leitura desse experimento para entender as relações entre mãe e filho humanos. Eu considero que resultados de estudos como esses precisam ser problematizados, sobretudo se concordarmos com a idéia de que a ciência, por mais que se reivindique neutra, faz parte e é fruto de contextos e tempos particulares. Considerando-se o esforço que as feministas fizeram para demonstrar que a maternidade não é o destino natural da mulher, e que o chamado instinto materno não se constitui como uma essência feminina, penso que devemos perguntar-nos, seriamente, o que esse investimento maciço na educação para a maternidade pode estar a significar, tanto para as mulheres quanto para os homens, em uma atualidade complexa como esta que estamos vivendo: globalização, redução do estado, desemprego crescente, informatização acelerada, etc... Seria uma nova versão da 'volta para casa' do pós-Segunda Guerra? Em que termos e em quais condições? Com que efeitos, para quem? Acho que estamos apenas no início desta discussão.

## **A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO**

### **Entrevista com Maria Cristina Bruschini**

*IHU On-Line* conversou com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Aranha Bruschini, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, de São Paulo, sobre a questão da mulher no mercado de trabalho brasileiro. Maria Cristina Bruschini é mestre em Ciências Sociais e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), com tese intitulada *Estrutura familiar e vida cotidiana na cidade de São Paulo*. É autora de 8 livros, entre os quais citamos: **Mulher e trabalho: uma avaliação da década da mulher**. São Paulo: Nobel/CECF, 1985; **Mulher, Casa e Família: Cotidiano nas Camadas Médias Paulistanas**. São Paulo: Vértice/Fundação Carlos Chagas, 1990; **Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres**. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 1998; **Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola**. São Paulo: Cortez., 2000.